

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



AS CERÂMICAS DE IMPORTAÇÃO DO CONVENTO DE JESUS DE SETÚBAL: MAJÓLICAS ITALIANAS E PORCELANAS CHINESAS

Mariana Brito Almeida / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa /
mariana.brit.almeida@gmail.com

RESUMO

O Convento de Jesus de Setúbal foi alvo de escavações arqueológicas em duas campanhas distintas: 2005-2006 (interior) e 2007-2008 (exterior). Exumou-se então uma pequena colecção de cerâmicas importadas e uma grande quantidade de peças de produção portuguesa: faianças, cerâmicas vidradas e cerâmica comum. Proporcionalmente, a cerâmica nacional apresenta quantidades muito superiores às das peças de proveniência exógena. No que respeita às peças importadas, reconheceram-se exemplares de porcelana chinesa, bem como fragmentos de majólica provenientes de diversas oficinas. Este artigo tem por objectivo estudar essas cerâmicas exógenas, claramente minoritárias, utilizando como contraponto os dados relativos à faiança portuguesa e os relatos produzidos por membros da comunidade monástica sobre a história e os quotidianos do Convento de Jesus.

ABSTRACT

The Convent of Jesus of Setúbal has undergone archaeological excavations in two different campaigns: 2005-2006 (on the inside) and 2007-2008 (on the outside). It was then exhumed a small collection of imported ceramics and a large amount of pottery produced in Portugal: faience, glazed wares and common wares. Proportionally, the Portuguese pieces far outnumber the ones with a foreign provenance. Concerning imported wares, examples of Chinese porcelain and majolica fragments from different workshops were recognized. This article aims to study these ceramics clearly minority, exogenous pieces, using as a counterpoint the data on Portuguese faience and the chronicles produced by members of the monastic community about the history and daily life within the Convent of Jesus.

A COLECÇÃO

A colecção de peças presentemente em estudo representa parte das importações exumadas em duas campanhas de escavação no Convento de Jesus de Setúbal. A primeira efectuou-se entre 2005 e 2006, no interior do edifício do convento, em diversas salas e nalguns pontos do claustro. Nela foram exumados 16 fragmentos de peças exógenas (11% do total). A segunda campanha, em 2007/2008, teve lugar no exterior do espaço conventual, mas no interior da cerca, junto à fachada nascente do convento e dos seus contrafortes, e aí foram exumadas 129 peças (89%). Devido à diferença entre o número de peças no interior e no exterior do convento, não será feita

a distinção entre os sítios, no interior do convento, onde foram exumadas as peças.

As cerâmicas de origem espanhola não serão integradas neste estudo, devido à sua curta diacronia – efectivamente, só as reconhecemos para o século XVI – e à exiguidade do espaço de que dispomos para este artigo. Essas peças serão estudadas noutra ocasião, com a devida integração neste universo de importações.

A colecção de porcelanas exumada nas duas campanhas de escavação em estudo conta com 43 exemplares, correspondendo a 29% do total de importações. As peças distribuem-se, pelo espaço conventual, da seguinte forma: seis ocorrências no interior e 37 no exterior. As majólicas italianas constituem a maior parte da colecção de cerâmicas importadas, com um

total de 88 peças, sendo que 79 foram recolhidas nas escavações do exterior do convento e apenas nove no interior. Quanto à única peça atribuível a França, fortemente influenciada por padrões italianos, foi exumada do exterior.

PORCELANAS

Encontramos cinco formas distintas nesta colecção. São elas, por ordem quantitativa descendente: prato (20 ocorrências, 46%), tacinha (12 peças, 28%), tampa (três exemplos, 7%), taça (três exemplares, 7%) e tigela (três casos, 7%). Apenas não foi possível atribuir forma a duas peças, constituindo estas 5% do total. A forma mais recorrente, o prato, é, possivelmente, a mais frequente em contextos arqueológicos e em colecções particulares de Portugal.

Constatamos, também, que 35% das peças estão relacionadas com o costume oriental do consumo do chá. Esta análise parece contradizer a anterior consideração de que o consumo de chá no Convento de Jesus fosse residual por só haver dois fragmentos de bule em faiança portuguesa (cf. Almeida, 2012, p. 94). Curiosamente, não foram identificados bules entre as porcelanas. Parece-nos pouco provável que o chá fosse preparado em bules de faiança portuguesa e tomado individualmente em tacinhas de porcelanas chinesa. Embora 15 peças seja um número reduzido para confirmar um consumo regular de chá, é suficiente para atestar que este seria mais do que residual entre as freiras do Convento de Jesus, apesar de o chá não fazer parte das rendas ordinárias do convento (vd. Neto, 2010).

A nível de tipos produtivos, encontramos cinco produções representadas nesta colecção, sendo que não foi possível adscrever produção a três fragmentos (7%). A *kraakporselein* encontra-se em clara maioria, com 35 peças, representando 82% do total. Depois, existem dois fragmentos de porcelana de tipo *Swatow* (5%) e as restantes produções apresentam apenas um fragmento cada (2%), sendo estes de porcelana *wucui*, *kinrande* e *imari* chinês.

As peças que foram atribuídas à produção de *kraakporselein* apresentam todas as características enunciadas por Maria Antónia Pinto de Matos (1996, pp. 29-31) e Teresa Canepa (2008, pp. 23-26), nomeadamente: as paredes e bordos finos; as bases ligeiramente grosseiras e convexas; nervura em espiral na base; anel da base em V e ligeiramente inclinado para dentro; arestas sem vidrado, sendo este fino e de tom

ligeiramente azulado; aderência de areias nas bases; variação entre um tom de azul-escuro e profundo e tons de azul aguados e mais claros.

As peças às quais atribuímos as cronologias mais antigas, correspondendo ao período Jiajing (1522-1566), não entram na cronologia das peças de *kraakporselein*, que tradicionalmente só se inicia no reinado de Wanli (1573-1619), mais concretamente depois do fecho do porto de Lisboa ao comércio externo em 1594 e ao estabelecimento da V.O.C. em 1602 (Matos, 1996, p. 29). No entanto, apresentam muitas das características que definem essa produção e, desse modo, tomámos a opção de as incluir nesse grupo, por considerarmos que foram produzidas com menos cuidado técnico e decorativo, com o propósito de se destinarem ao mercado europeu, tal como a *kraakporselein*.

Encontramos paralelo para a decoração de teoria de figuras geométricas estilizadas entrelaçadas, presente no interior do bordo da peça com o número de inventário 11530, na colecção da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, onde está datada do período Zhengde (1506-1521) (Matos, 1996, p. 48). No entanto, pode tratar-se de uma cópia posterior de modelos decorativos mais antigos, pois, apesar da decoração exterior ser muito bem executada, o motivo interior é muito descuidado. Já na colecção Amaral Cabral, uma outra peça, datada do período Jiajing, apresenta esta mesma decoração interior; no entanto, o exterior é muito distinto (Desroches, Loureiro & Matos, 1997, pp. 84-85).

Encontramos paralelo muito próximo para um prato em estudo, com o número de inventário 4189, na colecção da Casa Museu Anastácio Gonçalves, com os oito emblemas budistas na aba e a cercadura de cabeças de *ruyi* cercando o medalhão central com duas peónias. Essa peça está datada do período Jiajing (Matos, 1996, pp. 94-95). Ainda deste período, temos paralelo para a peça com o número de inventário 11523, em que observamos um cavalo inserido num círculo, na colecção Amaral Cabral (Desroches, Loureiro & Matos, 1997, p. 72).

Com a decoração encartelada típica do período Wanli, que encontramos em quatro peças da colecção em estudo (números 9021, 11521, 11525 e 11549), verificamos paralelo decorativo na colecção de pratos encontrados no naufrágio da nau Nossa Senhora dos Mártires, em 1606 (Desroches, 1998, p. 242), ou em peças recolhidas no naufrágio do San Diego, de 1600 (Desroches, 1994, pp. 340-341). Neste naufrágio, en-

contramos também paralelo formal para as pequenas taças destinadas ao consumo de chá sobre as quais já discorreremos. Ainda no San Diego, encontramos paralelo decorativo para a peça em estudo com o número de inventário 11527, sendo que o prato do navio apresenta um animal, muito estilizado e de pintura descuidada, que o autor descreve como sendo uma fénix mas que nos parece, à semelhança daquele do Convento de Jesus, uma ave como um ganso ou um grou, animais bastante usuais na porcelana chinesa.

Os dois fragmentos de porcelana *Swatow* – assim chamada devido ao nome do porto chinês de Shantou a partir do qual eram expedidos para a Europa –, possivelmente parte da mesma peça (com os números de inventário 11539 e 11540), apresentam as mesmas características de outra peça da mesma produção, presente na coleção da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves: espessura da base; vidrado branco e opaco; aderência de areias ao pé. Também o cromatismo dos fragmentos aqui analisados encaixa naquele apresentado nas peças *Swatow* (Matos, 1996, p. 146). A porcelana *wucai* (literalmente «cinco cores») surge no período de transição entre as dinastias Ming e Qing. Apesar deste nome, nem sempre são utilizadas todas as cinco cores, nem este é o número máximo de possibilidades cromáticas. Esta técnica requer a fixação de óxidos numa segunda cozedura (Matos, 1996, p. 31), certamente encarecendo o produto. Para o único fragmento desta produção em estudo, n.º 11519, encontramos paralelos decorativos na coleção da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, datados da segunda metade do século XVII (Matos, 1996, pp. 155-156).

O fragmento com o número de inventário 11623 é consistente com as produções de *imari* chinês. Esta produção é uma imitação chinesa do estilo decorativo *koimari*, fabricado no Japão e que alcançava um preço mais alto do que as produções chinesas de azul e branco, sendo principalmente exportada para a Europa pelos holandeses. Os chineses vão imitar esta produção, a preço mais baixo e com melhor qualidade. A nível decorativo, estes irão continuar a utilizar os motivos tradicionais da porcelana. A produção na China iniciou-se no princípio do século XVII, tendo o seu apogeu entre 1720 e 1730 (Matos & Salgado, 2002, p. 113). Encontramos paralelo na coleção Carmona e Costa, datado de inícios do século XVII (Matos & Salgado, 2002, pp. 118-119). O fragmento com o número de inventário 6876 do Convento de Jesus é consistente com as produções

kinrande, com pasta branca de excelente qualidade, um espesso vidrado azul-escuro no exterior e pintura a ouro, quase apagada. Para esta peça, encontramos paralelo na Casa Museu Anastácio Gonçalves, sobretudo ao nível da cor do vidrado, mais escuro do que o habitual nestas produções, em dois potes datados do período Yongzheng (1723-1735) (Matos, 1996, pp. 240-241).

MAJÓLICA

Da grande diversidade de oficinas que exportaram peças da Península Itálica para Portugal, encontramos apenas cinco centros produtores diferentes: Pisa e vale do Arno; Faenza; Montelupo; Savona; e a zona da Ligúria. Proporcionalmente, as três primeiras cidades apresentam percentagens nitidamente inferiores. Para Pisa, reconhecemos apenas um fragmento (1%); para Faenza, dois (2%); e para Montelupo, quatro (5%). A zona da Ligúria, de onde a cidade de Savona é apenas um dos centros produtores, é a grande exportadora de peças cerâmicas para o Convento de Jesus de Setúbal, com 40 peças para a cidade de Savona (45%) e 41 produzidas em centros produtores lígures que não podemos precisar (47%).

O único fragmento presente nesta coleção consistente com as produções de Pisa e vale do Arno corresponde a um prato com decoração marmoreada policroma (*marmorizzata*) e o número de inventário 11611. Não foram apenas estas oficinas a produzir peças marmoreadas, também as da Lombardia, Veneto e Emilia-Romagna, mas aparentemente apenas as provenientes de Pisa entraram nos circuitos comerciais internacionais (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 14). Esta técnica decorativa consiste na aplicação de engobe branco sobre a peça ainda húmida, seguindo-se nova aplicação de engobes mais agudados de modo a que a escorrência e mistura das cores produza um efeito semelhante ao mármore. A peça é cozida duas vezes: a primeira vez após o emprego dos engobes e a segunda depois da aplicação do esmalte (Moore, 2005, pp. 188-189). Obtivemos paralelo para esta peça em Barcelona, com datação de finais do século XVI, inícios do século XVII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 14). A mesma cronologia é apontada para estas peças por Rafaella Carta, somente avançando *terminus ante quem* para meados do século XVII (Carta, 2008, p. 739). Identificaram-se quatro fragmentos produzidos em Montelupo, de três famílias decorativas distintas.

O fragmento com o número de inventário 11596 pertence à decoração *blu graffito*, possivelmente a decoração mais associada a este centro produtor, com as típicas faixas azuis com decoração estilizada a branco, junto ao bordo. Para esta peça, encontramos paralelos em Silves datados sensivelmente de meados do século XVI (Gomes e Gomes, 1996, pp. 191-192). Em Barcelona, estas peças estão datadas de entre os finais do século XVI e a primeira metade do século XVII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 22). Em Granada, são datadas da primeira metade do século XVI (Carta, 2008, p. 791). Deste modo, conjugando esta informação, podemos atribuir ao fragmento uma cronologia de entre o início do século XVI e meados do século XVII. Também fabricados nas oficinas de Montelupo foram os três fragmentos encontrados no interior do convento (números 11632, 11633 e 11634), com decoração policroma denominada de *losangue* ou *nodi orientali*, com linhas azuis cruzadas formando losangos largos no interior dos quais se encontram pequenos círculos. Encontramos paralelos para estas peças em Barcelona, sendo que aí se data a maioria delas do século XVII, fazendo a ressalva que algumas peças podem ser ainda de finais do século XVI e outras já das primeiras décadas do século XVIII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 20). Em Granada, fragmentos com estas características foram datados de meados do século XVI e das primeiras décadas do século XVII (Carta, 2008, p. 791). Desse modo fixamos a data das peças em estudo entre meados do século XVI e todo o século XVII.

As duas peças consistentes com as produções de Faenza (peças nº 11594 e 11588) apresentam decoração *alla porcelana*, que imita os motivos decorativos e a estética decorativa da porcelana chinesa. Para estas peças, encontramos paralelos em Granada, datados de finais do século XVI até aos princípios do século XVII (Carta, 2008, p. 797).

Das 92 peças lígures que encontramos na coleção em estudo, conseguimos adscrever 40 às oficinas de Savona. Estas peças partilham características que nos levam a esta atribuição, nomeadamente a cor azul-esverdeada do esmalte, sendo este espesso, homogéneo, destacando-se muitas vezes da pasta; a pasta é amarela e muito bem depurada. Muitos autores não distinguem as produções de três centros produtores lígures (Savona, Albisola & Génova) por oferecerem todas estas características (cf. Beltrán de Heredia & Miró, 2010, pp. 26-27). No entanto, escolhemos atribuir

estas 40 peças a Savona devido às marcas de que encontram no fundo de algumas delas: o brasão de Savona (que se encontra nas peças 11556, 11569, 11680 e 11610) e a lanterna (11580), que apontam para esta proveniência. É a decoração que atribui cronologia a estas peças. Assim, encontramos três peças cuja decoração não é expressiva o suficiente para adscrever a um tipo decorativo (fragmentos n.ºs 11557, 11580 e 11626) e, por isso, não obtivemos paralelos nem cronologias. Com a decoração *a tappezzeria* (assim denominada por apresentar motivos semelhantes à tapeçaria do período), encontramos 15 peças na coleção do Convento de Jesus (com os números de inventário 11581, 11583, 11584, 11586, 11589, 11590, 11591, 11592, 11593, 11599, 11610, 11613, 11614, 11615 e 11616), para os quais encontramos paralelos em Barcelona, datados do segundo quartel do século XVII até princípios do século XVIII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, pp. 44-45). Em Granada, estas peças estão datadas da primeira metade do século XVII (Carta, 2008, p. 783), estendendo um pouco a cronologia. Com a decoração de *calligrafico naturalistico*, em que a principal influência é a porcelana chinesa e a sua estética, encontramos três peças no Convento de Jesus (9018, 11640 e 11625). Existem paralelos para elas em Barcelona, datados do primeiro quartel do século XVII até princípios do século XVIII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 41). Em Granada, estas peças são datadas do século XVII (Carta, 2008, pp. 781-782). Finalmente, encontramos a decoração *descenografia barocca*, em que as influências chinesas são substituídas por motivos centrais de inspiração mitológica e bíblica, representando-se paisagens naturais e arquitectónicas. Adsritas a esta decoração, encontramos 19 peças na coleção em estudo (com os números de inventário 11556, 11569, 11595, 11597, 11598, 11600, 11601, 11602, 11603, 11604, 11605, 11606, 11607, 11608, 11609, 11612, 11624, 11628 e 11629), para as quais encontramos paralelos em Barcelona, datados da primeira metade do século XVII até inícios do século XVIII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 47). A única peça de que conseguimos reconstituir o motivo central, um prato com o número 11595, representa muito possivelmente o nascimento de Vénus. As peças lígures às quais não conseguimos adscrever uma oficina específica são 47, constituindo a maioria das peças italianas. Destas, 27 (com os números de inventário 3827, 11558, 11559, 11560, 11561, 11562, 11563, 11564, 11565, 11566, 11568, 11572, 11573, 11574, 11575, 11576, 11577, 11578, 11579, 11582, 1619, 11620,

11621, 11622, 11630, 11631 e 11635) são peças com decoração de azul sobre azul, ou *blu berettino*, mais concretamente pertencentes ao estilo *calligrafico a volute* tipo C, em que junto ao bordo se encontra uma faixa formada por motivos vegetalistas de folhas e ramos, mais ou menos estilizados, com pequenas flores espaçadas. Encontramos, para elas, paralelos em Barcelona, em peças datadas de meados de século XVI até princípios do século XVII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 33). As restantes cerâmicas lígures dividem-se em três tipologias decorativas. Duas delas já atrás mencionámos e têm cronologia semelhante às de Savona: a decoração *a tappezzeria* (nas peças 11570 e 11571) e *calligrafico naturalistico* (peças 3908, 11585, 11587, 11618, 11627, 11636, 11637, 11638 e 11639). Depois, encontramos duas peças, com os números de inventário 3874 e 5167, que pertencem à decoração *alla francesa*, em que se assiste à simplificação dos motivos decorativos. Encontramos paralelos para esta decoração em Barcelona, datados de finais do século XVII a princípios do século XVIII (Beltrán de Heredia & Miró, 2010, p. 48).

FRANÇA

Conseguimos atribuir somente uma peça a produções francesas, nomeadamente de Nevers, na Borgonha. Esta atribuição fez-se a partir de um paralelo formal e decorativo com peça presente na colecção do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, datada de cerca de 1630-40 (McNab, 1987, p. 15). Esta cidade começou a produzir faiança sob o patrocínio do conde Luís Gonzaga (1539-95), tendo boas reservas de barros brancos para essa actividade. Os primeiros oleiros a operar neste centro eram oriundos de Albissola, na Ligúria, pelo que as semelhanças com as peças de Nevers são imensas. Esta última cidade deteve o monopólio do fabrico de faiança em França durante décadas, tendo atraído oleiros de outras regiões da Itália e abrindo o leque das decorações e paleta de cores, tornando-se as peças muito semelhantes às italianas (McNab, 1987, p. 12).

CONCLUSÕES

Setúbal sempre teve uma relação privilegiada com o seu porto. O comércio do sal enriqueceu uma elite que apoiava financeiramente o Convento de Jesus, para além do patrocínio régio que este já recebia. Este comércio, com uma vocação principalmente euro-

peia, era auxiliado em terra por uma população imigrante, principalmente genovesa (Dias, 1998, p. 50), holandesa (Rau, 1963) e alemã (Braga, 1998, p. 69). A presença genovesa pode explicar a forte ocorrência de majólicas lígures no convento, em detrimento de outras produções italianas. Por outro lado, a forte presença de norte-europeus parece não se consubstanciar em peças cerâmicas desses centros produtores, facto que parece estranho. Efectivamente, não estão publicadas muitas peças norte-europeias em Setúbal. Esta falta generalizada pode prender-se com uma saturação do mercado sadino com peças nacionais e lígures, de preço mais baixo. Prova disso é a proporção de cerâmicas nacionais e exógenas no Convento de Jesus. Foram estudadas 1474 peças de faiança decorada (que correspondem a cerca de dois terços do total da faiança portuguesa), tendo-se chegado a conclusões interessantes sobre o cumprimento da regra e os padrões de consumo de faiança portuguesa ao longo do tempo de funcionamento do Convento de Jesus (1496-1888) (vd. Almeida, 2012). Para esse trabalho, foi elaborado um gráfico que mostrava as flutuações do consumo de faiança portuguesa, baseando-se nas datas de produção das peças. Seguindo esse raciocínio, expandimos o gráfico e a informação nele contida de modo a comparar o consumo de cerâmicas nacionais e importadas. Verificamos que as importações são muito inferiores em número à faiança portuguesa, nunca ultrapassando uma probabilidade aquisitiva de dez exemplares por década. O pico de consumo de majólicas e de porcelanas, entre 1550 e 1600, corresponde a uma altura em que a produção nacional de faiança ainda não é predominante nos contextos nacionais, pelo que as peças importadas parecem colmatar essa falta. Após essa data, o consumo de majólica e porcelana mantém-se muito residualmente, até atingir um novo pico sensivelmente entre 1640 e 1730, o que corresponde ao período descrito nas crónicas como o de “relaxamento” da regra, altura em que entra a maioria das peças de faiança portuguesa no convento (vd. Almeida, 2012, pp. 96-97). A ocorrência de importações cessa definitivamente em meados do século XVIII.

Quanto à qualidade geral das peças importadas, encontramos diversos defeitos, principalmente nas majólicas. A nível decorativo, as importações recolhidas no Convento de Jesus são mais simples e menos cuidadas que as que observamos nas colecções museológicas e mesmo nalgumas colecções arqueológicas. Este facto pode dever-se a uma opção de não

adquirir bens de prestígio, no seguimento do cumprimento da regra coletina, que obrigava ao despojamento material. As boas peças, como alguns pratos de porcelana e majólica muito bem executados, podem ter sido ofertas ao convento, como sabemos ter acontecido no Convento da Madre de Deus, em Xabregas, em 1511, ao qual D. Manuel I (r. 1495-1521) ofereceu 12 pratos de porcelana (Corte Real & alii, 2008, p. 117). As mais recentes escavações no Convento de Jesus de Setúbal, que terminaram há pouco tempo e cujas peças ainda não foram contabilizadas, podem mudar este panorama.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Mariana Brito (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: faiança decorada*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BELTRÁN DE HEREDIA, Julia; MIRÓ, Núria (2010) – *The ceramics trade in Barcelona in the 16th-17th centuries*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, Institut de Cultura.
- BRAGA, Paulo Drummond (1998) – *Setúbal Medieval (séculos XIII a XV)*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- CANEPA, Teresa (2008) – Porcelana Kraak: o desenvolvimento do comércio global no final do século XVI e início do século XVII. In WELSH, Jorge e VINHAIS, Luísa, eds. – *Porcelana Kraak: o desenvolvimento do comércio global no final do século XVI e início do século XVII*. Londres: Jorge Welsh Books, pp.17-64.
- CARTA, Rafaella (2008) – *Difusión e influencia de la producción de la cerámica italiana entre la Baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada*. Granada: Editorial de la Universidad de Granada.
- CÔRTE-REAL, Artur; LEAL, Catarina; MUNHÓS, Miguel; MACEDO, Francisco Pato de; BERNARDO, Luís Miguel; FERREIRA, Manuela Almeida; SANTOS, Paulo César (2008) – O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: Investigação, musealização e síntese de aspectos orientalizantes no espólio. In *As Idades Medieval e Moderna na Península Ibérica, actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Universidade do Algarve*, pp. 113-128.
- DESROCHES, Jean-Paul, (1998) – Cerâmicas orientais e porcelanas. In AFONSO, Simonetta Luz, ed. *Nossa Senhora dos Mártires a última viagem*. Lisboa: Verbo, pp.229-252.
- DESROCHES, Jean-Paul (1994) – La Chine à table. In CARRÉ, Dominique; DESROCHES, Jean-Paul; GODDIO, Franck, eds. – *Le San Diego: Un trésors sous la mer*. Paris: Éditions Carré, pp. 300-359.
- DESROCHES, Jean-Paul; LOUREIRO, Rui Manuel; MATOS, Maria Antónia Pinto de (1997) – *Azul e branco da China Porcelana ao tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves.
- DIAS, João Alves. (1998) – A população. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, eds. – *Nova História de Portugal, vol. V*: pp. 11-50.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. *XELB* 3. Pp.143-205.
- MATOS, Maria Antónia Pinto de (1996) – *A Casa das Porcelanas – Cerâmica chinesa da Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.
- MATOS, Maria Antónia Pinto de; SALGADO, Mary (2002) – *Porcelana chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- McNAB, Jessie (1987) – *Seventeenth-century french ceramic art*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art.
- MOORE VALERI, A. (2005) – La cerâmica marmorizzata in Toscana (1550-1650). *Azulejos. Rivista di studi Ceramiche. Produzione, consumo, commercio in età Postclassica*, pp. 157-196.
- RAU, Virgínia (1963) – *Rumos e vicissitudes do comércio do sal português nos séculos XIV a XVIII*, Sep. da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III série, n.º 7, Lisboa.

Faiança portuguesa, majólica italiana e porcelana chinesa no Convento de Jesus de Setúbal (séculos XVI-XIX)

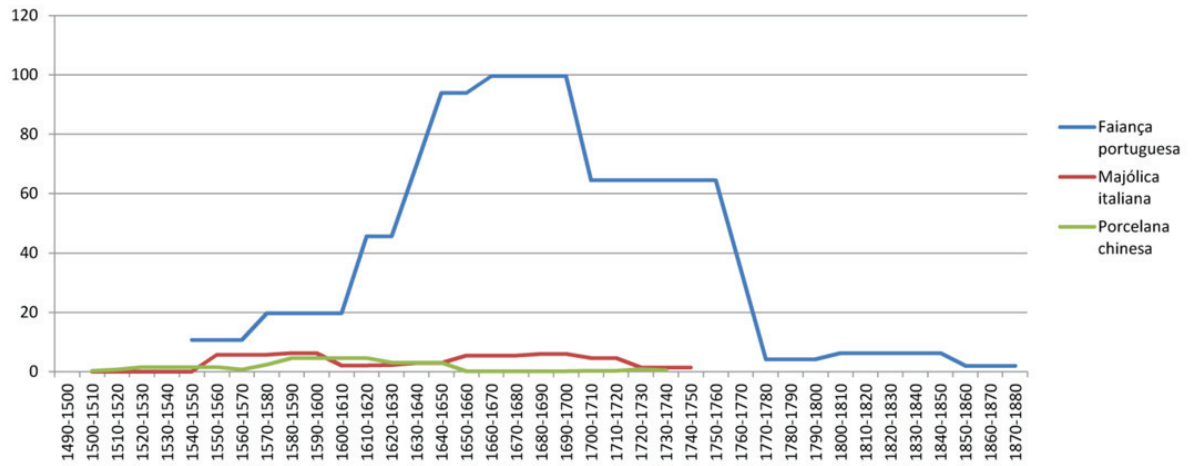
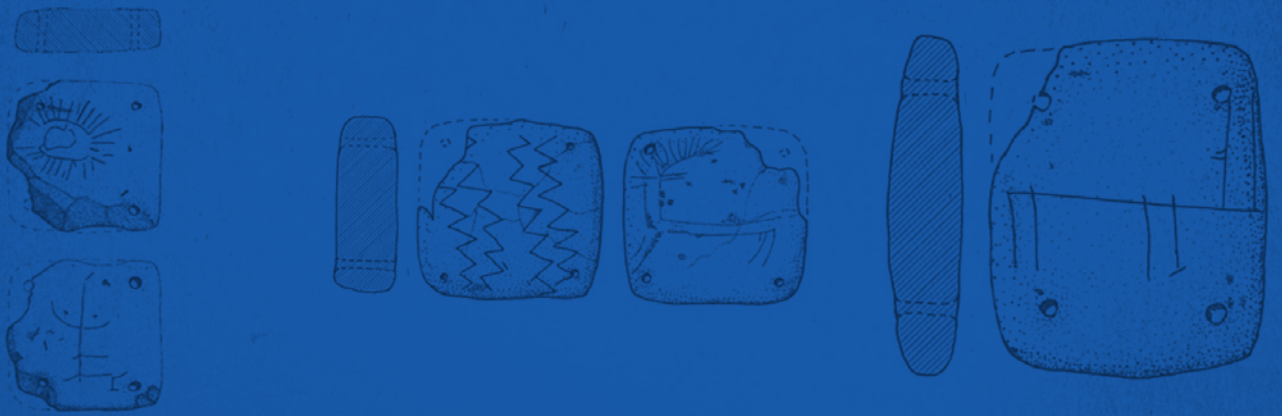
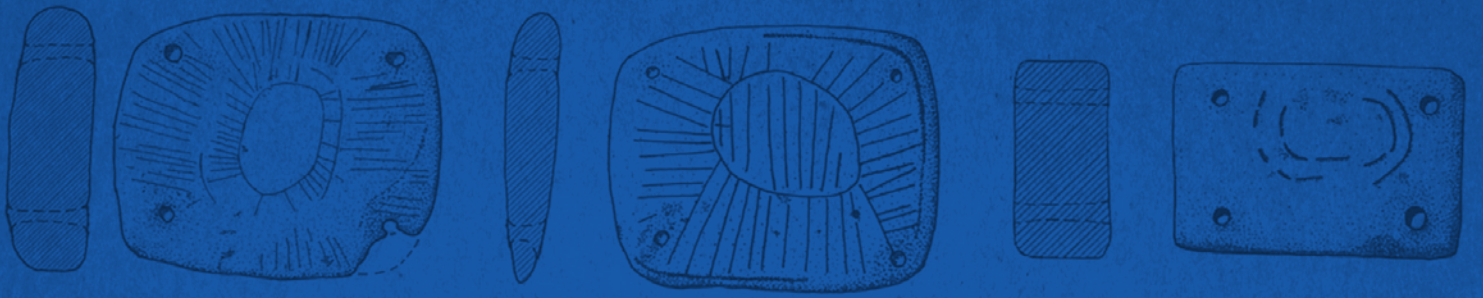
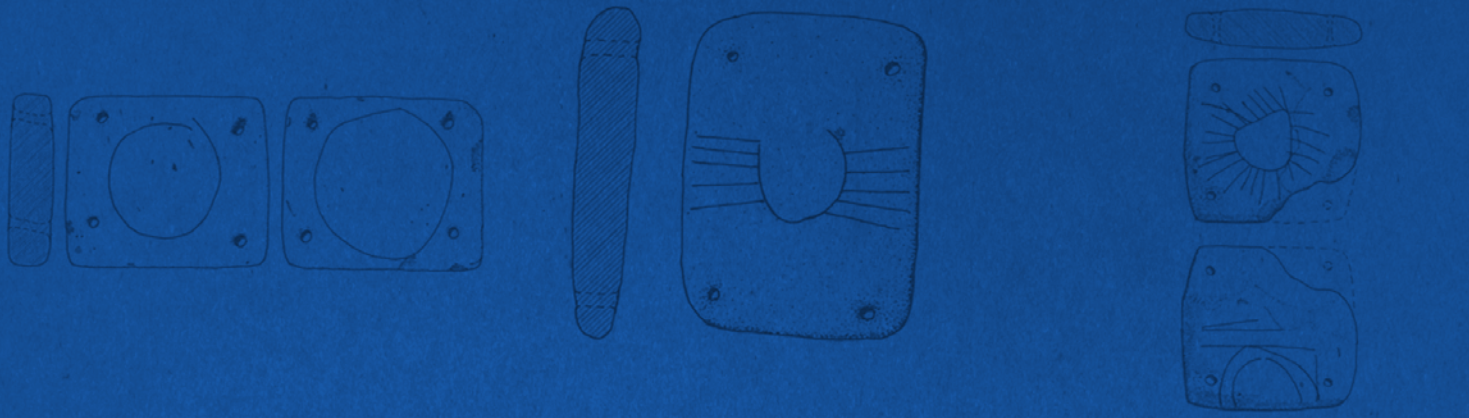


Figura 1 – Gráfico com probabilidades de ocorrência de peças de faiança portuguesa decorada, majólica italiana e porcelana chinesa no Convento de Jesus de Setúbal.



Figura 2 – Estampa com desenhos e fotografias de peças de majólica italiana, francesa e porcelana chinesa provenientes do Convento de Jesus de Setúbal.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua